

referem a uma percepção da verdade impossível de ser expressa.

WEBER: — Para eles, compreender a matemática é entrar em contato com o que está além da matemática.

BOHM: — Exatamente.

WEBER: — Como o místico chega a isso é, obviamente, difícil de explicar. Entretanto, temos discutido a respeito de matéria sutil, e isso nos recorda o mestre Eckhart, talvez o maior místico que o Ocidente já produziu. Disse ele: “Para encontrar a natureza em si, devemos destruir todas as suas formas”.

BOHM: — Bem, toda forma que surge na natureza é relativamente exterior. O problema é saber o que está por trás dela.

WEBER: — Não é precisamente isso o que o místico persegue? Tenta chegar ao nível mais universal possível, descartando a limitação e a particularidade.

BOHM: — É. Chegar a algo mais e mais geral no interior da consciência, a algo cada vez menos restrito, e que conduza ao universal.

WEBER: — Certamente foi isso que Eckhart quis dizer com “a natureza em si”. No presente livro, levantei a questão: “Em ciência, a busca da unidade é um caminho espiritual?” Respondi afirmativamente. E o senhor?

BOHM: — Na prática corrente da ciência, isso não é necessariamente verdadeiro. Entretanto, talvez seu alvo final seja mesmo a unidade, como já dissemos.

WEBER: — Isso não conduziria ao antropomorfismo e, no final, ao ceticismo a respeito de nosso conhecimento?

BOHM: — O problema só pode ser superado se acatarmos a premissa de que, em certo sentido, o homem é um microcosmo do universo. Portanto, é a chave do universo. Estamos contidos no universo.

WEBER: — Seria esse o elo perdido, o passo que falta?

BOHM: — Sim, toda a nossa experiência constitui uma chave para a realidade, de que fazemos parte.

WEBER: — Parece que uma vez mais voltamos ao princípio hermético.

BOHM: — De fato. Se não postularmos isso, então permanecerá sem explicação a necessidade de a matemática ter alguma relação com a realidade. Wigner, por exemplo, diz que a atuação da matemática é absolutamente misteriosa. Sem aquele postulado, teríamos de perguntar: “Por

que a manipulação de símbolos teria algo a ver com a atuação da realidade?”

WEBER: — O problema de Kant era: “Não podemos ver as coisas como de fato são porque transmitimos nossas estruturas à experiência e assim barramos o acesso ao número com nossas próprias categorias internas”.

BOHM: — Mas eu, por mim, diria: “Sou o número, e, portanto, existe uma escapatória à armadilha de Kant. Pelo menos, sou *do* número.”

WEBER: — Ou pode se harmonizar com ele, comensurar-se com ele, possibilidade que Kant obviamente nega.

BOHM: — Sim, participo do número.

WEBER: — Que, dessa forma, não é uma realidade estranha, mas a sua própria.

BOHM: — Certo. Hegel diz o mesmo. Afora isso, não há explicação possível; tudo é arbitrário, até a atuação da matemática. Wigner e mesmo Einstein afirmam que o grande mistério do universo é o fato de não ser compreensível.

WEBER: — Steven Weinberg também acha o mesmo. Um de seus escritos termina com a nota de que a coisa mais impressionante seria a descoberta de que tudo o que *pensamos* ser verdade a respeito do universo *seja* de fato verdade.

BOHM: — Se participamos do universo e o universo participa de nós, então há fundamento em supormos que o que pensamos pode ter relevância.

WEBER: — Essa é outra abordagem do misticismo. O místico penetra seu próprio ser interior porque sabe que o universo está ali.

BOHM: — Sim. Essa é, no fundo, a única maneira de compreender a atuação da ciência e da matemática.